

Mariângela ALONSO¹**Recebido:** 13/03/2024**Aprovado:** 18/03/2024

*Hoje que apenas sou matéria e entulho
Tenho consciência de que nada sou!*
(Augusto dos Anjos)

Sentindo uma dor lancinante no peito, levantou-se da cadeira. Já em pé sentiu a pontada fatal: bateu a cabeça na quina da mesa, tingindo de sangue o chão do consultório e o jaleco branco. Ainda teve tempo de ouvir ao longe os gritos da secretária, sua amante há três décadas, que, aos prantos, se ajoelhou sobre ele, transtornada.

Uma ligeira depleção indicava o início de seu *pallor mortis*. Adonias Desatento desencarnara. “Batera as botas”, “partira desta para melhor”. Doutor Adonias Desatento. Desatento. Desatento. Sempre desatento.

Quando acordou, o desespero foi grande. Que raio de lugar era aquele?! Uma paisagem fétida, montanhosa e escura. Um espaço que pairava no meio do nada. Tudo praticamente nebuloso e úmido, com lamaçais fedorentos. Resolveu gritar e percebeu que seus gritos de socorro se misturavam a outros gritos, avolumando-se ao longe. Logo ele, que nunca tinha pedido socorro uma vez sequer na vida física, assim como não estava acostumado a dar socorro aos seus pacientes: “Vida que segue”, dizia soberbo e passava à próxima consulta: “Obrigado! Próximo!”

O que significava aquilo? Onde estava? Seria um pesadelo? Em decúbito dorsal levou a mão à cabeça e percebeu que não a sentia; mexeu as pernas e igualmente não as sentia; o mesmo se dava com a rotação do quadril. Face, nuca, tórax, membros superiores e inferiores, nada mais era sentido. Num ato patético, começou a engatinhar. O medo fez com que ele se lembrasse de engolir seco, mas também não conseguia. Não mais existia o ato de engolir. “Meu Deus! Estou morto!”, pensou desesperado, chorando como criança. Talvez como aquela criança, o filho morto no navio, escondido embaixo da manta nos braços da esposa, para ninguém ver; cena que queria bem longe de sua memória. Estava acostumado a “ninguém ver e ninguém saber”, bordão que compartilhava com os seus colegas de trabalho.

Vozes e choros agudos vieram ao seu redor, confirmando seu frágil estado naquele lugar pantanoso e medonho. “Onde estou?! Pelo amor de Deus!!!”, gritou para uma das vozes. Como

¹ Doutora em Estudos Literários pela UNESP. Profa. Visitante da UFABC.

ALONSO, Mariângela. Adonias no umbral. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

resposta, senti uma energia pesada em sua direção e ouviu uma gargalhada tão forte e irônica quanto à potência corporativista de sua profissão.

Assustado, Adonias reuniu forças para perguntar o que há milhares de anos era praxe. “Onde estou? O que está acontecendo?!!!” E novamente como resposta, outra gargalhada. Dessa vez o som foi tão forte aos seus ouvidos que caiu, sentindo a antiga vontade de eliminar necessidades fisiológicas que ainda restavam dos seus filamentos.

Os odores fétidos de urina e fezes aumentavam, ligando-se ao desespero e solidão. Ao longe, passou a ver uma pequena luz alvacentas e a ouvir um som lamuriante que parecia vir de seus familiares, os quais, unidos, não paravam de chamá-lo. E ainda ao longe, conseguiu ver um velório ou algo parecido, em que uma figura feminina, toda vestida de preto e de óculos escuros, proferia frases desconexas ao lado de um esquife. Desconexas para ele, mas não para ela. Com dificuldade, conseguiu entender o que aquela moça pensava, com o olhar fixo para o caixão: “Grande dia o de hoje! Que você pague por todos os erros cometidos com todos os seus pacientes; que você passe longos e bons anos no umbral. Você faz parte da escória da humanidade, etc, etc”.

Umbral? Mas o que era umbral? Certa vez ouvira a esposa dizer que os espíritos designavam, numa das obras psicografadas por Chico Xavier e atribuída ao espírito de André Luiz, que o umbral significava o estado ou lugar transitório por onde passavam as almas que não souberam aproveitar a oportunidade de evolução na vida na Terra. “Mas eu soube! Eu sempre soube! Por que estou aqui? O que foi que eu fiz?!!!”, foi apressadamente gritando.

A moça de preto, os familiares chorando, o esquife, os cheiros de crisântemos e gérberas, as coroas de flores com os dizeres: “Homenagem do hospital...” Tudo misturado e confuso. Foi quando olhou para o lado e resgatou da memória uma cena antiga, em que o colega falava embaraçado: “Adonias, vem chumbo grosso por aí... Não sei se vou conseguir te ajudar. Olha, vai ser complicado. Vou tentar, mas ... Essa última vítima tem uma tia meio louca, sei lá... Ela ameaçou chamar a imprensa... Parece que é professora não sei do quê... Você sabe como é professor... Eles têm mania de querer formar opinião e sujar a nossa reputação... Você sabe, o hospital está enfrentando dificuldades financeiras... Eu... Olha... Não sei...”.

Agora as coisas começavam a fazer sentido para Adonias Desatento. Doutor Adonias Desatento. Doutor sem caráter, sem empatia, sem comprometimento e sem doutorado. Ao longe a voz continuava: “Grande dia! Já te vejo no umbral... Minha sobrinha não merecia isso...”

Gritos, sombras e muito desespero interromperam a cena, fazendo com que Adonias não atinasse, retomando o seu antigo caráter: “E a minha amante? O que vai ser dela?” No mundo dele era natural

que essa pergunta viesse antes da mulher e dos filhos, já que na vida terrena estes não eram e nunca foram suas prioridades. Isso se confirmava com a situação ocorrida naquele fatídico cruzeiro, em que um dos filhos morreria e ele escondera aos olhos de todos. Sempre dava um “jeitinho”.

Ali no umbral era tarde demais para saber que a espiritualidade não dava “jeitinhos”. “Tudo errado”, pensou. Sim. Sempre fizera tudo errado. Sempre desatento. Sempre ceifando com sua desatenção a chance de pacientes vencerem as suas doenças e seguirem com suas vidas. “O que foi que eu fiz, meu Deus?!!!”, repetia. A gargalhada continuava a retumbar, rasgando o ar fétido com toda a força: “Agora põe Deus no meio dessa patacoada! Qua, qua, qua...”.

Ventos e odores fortes vieram acompanhados de um soco em sua face direita. Assustado, não ofereceu a outra face. Jamais havia feito isso e jamais faria. O certo é que tomaria muitos outros socos a partir dali.

Sentindo-se humilhado e perdido, percebeu que fecharam o esquife, em preparação para o seu enterro, hora da encomendação e da partida. Mas aos poucos foi interiorizando que almas como a dele não seriam encomendadas, já estavam fadadas ao umbral.

Viu os filhos, a esposa, a amante e os colegas de profissão, todos choravam e se abraçavam. Alguns “doutores” consolavam a esposa com palavras bonitas e serenas, que costumavam dizer apenas aos pertencentes de sua casta. Seu corpo seria encerrado para sempre.

Discretamente, a mulher vestida de preto e óculos escuros olhou altiva para os presentes, balançou a cabeça em gesto afirmativo e se retirou sem dizer palavra. Não precisava. Seus pensamentos já bastavam. Estava satisfeita. Faltava apenas cuspir no chão, o que fez imediatamente quando deixou o funeral e se encaminhou para o carro. O golpe final.

Prantos. Lamúrias. Gargalhadas. Muito vento e muito lamaçal. Adonias caiu no meio daquele pântano escuro, ouvindo ao longe a voz de mulher que já no carro repetia: “Que o umbral não lhe seja leve”.